

A LITOTOPONÍMIA NO BRASIL*

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick**

Os topônimos de índole mineral, aliados aos que refletem, em sua manifestação mórfica, a natureza constitutiva dos solos ou dos terrenos, estão relacionados diretamente a dois fatos: um, de índole genérica, física, ambiental, específico às regiões da terra, em sua constituição (areia, barro, lama, pedra, terra, por exemplo); outro, mais restrito, porque diz respeito, de perto, a alguns dos momentos mais significativos da história de um povo.

No meio sócio-cultural brasileiro, porém, ambos os fatores se interligaram, se interpenetraram mesmo, tornando muito difícil discorrer sobre um sem se mencionar o outro, porque, como assegura Diêgues Junior, "na colonização do Brasil, a importância do meio físico tornou-se fundamental: o ambiente geográfico sobressai de significação no nosso caso, sobretudo pela diversidade apresentada, tendo em vista a extensão territorial (...). Do solo, em particular, sabe-se a importância que apresentam as suas condições para a implantação de uma sociedade estável (...)"(1).

Seguramente aí estão as coordenadas para a existência de tantos litotopônimos no Brasil que, possivelmente, deixarão entrever, através do exame de sua localização geográfica, um vínculo seja a causas naturais ou a motivos históricos.

* Artigo condensado da *Tese de Doutorado* da A., "A Motivação Toponímica. Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomícos". USP, 1980.

** A A. é Profa. Assist. Doutora de Toponímia, junto ao DLLO da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

1 — *Regiões culturais do Brasil*, p. 35-36.

Realmente, desde o primeiro documento escrito a respeito do Novo-Mundo, na correspondência de Caminha a El-Rei, e em outros que se lhe seguiram, a mística em torno da riqueza da terra estava criada.

Assim é que se inserem em a "Nova Gazeta Alemã" ou "Nova Gazeta da Terra do Brasil", notícias de minerais como muita prata, ouro, cobre e latão, não só no rio da Prata como "em suas imediações mais ao sul"⁽²⁾. Pero Lopes de Sousa, em seu *Diário de Navegação* relata que "o dito Francisco Chaves se obrigava que em dez meses tornara ao dito porto (Cananea) com quatrocentos escravos carregados de prata e ouro (...)"⁽³⁾. Gabriel Soares de Sousa ressalta, também, a importância e o valor das riquezas naturais, alvo da cobiça de tantos estrangeiros e aventureiros que para aqui se deslocavam, em busca do que não faltava ao lugar, "ferro, aço, cobre, ouro, esmeralda, cristal e muito salitre", além do "muito e bom âmbar", que todos os anos saía da costa brasileira⁽⁴⁾. Capítulos de suas *Notícias* descrevem ora a natureza do solo e do terreno ("costa limpa", "terra escalvada", "grande medão de areia", "ilhas de mangue", "lençóis de areia", "terra suja de pedras", "muito e bom barro", "pedra de alvenaria e cantaria", "muita cal"), ora a existência dos minerais preciosos que, dada a sua significação para o povoamento e colonização do território, chegam, mesmo, a encimar, à guisa de títulos explicativos, as narrações subseqüentes: "Em que se declara o ferro, aço e cobre que tem a Bahia"; que se trata das pedras verdes e azuis que se acham no sertão da Bahia"; "Em que se declara o nascimento das esmeraldas e safiras"; "Em que se declara a muita quantidade de ouro e prata que há na comarca da Bahia" etc. Mesmo nas narrativas genéricas dos pormenores da terra e do gentio que a habitava, aparecem, amiúde, referências à localização dos minerais, como ocorre no *Cap. XXXIII*, da *1.ª Parte*, "Em que se declara a costa do rio dos Ilheus até o rio Grande" e no *Cap. XL*, também da *1.ª Parte*, "Em que se declara a costa do Cricaré até o rio Doce, e do que se descobriu por ele acima, e pelo Aceci". Mas não apenas na região baiana narra Gabriel Soares a existência do ouro. No *Cap. IV*, "Em que se dão em suma algumas informações que se têm deste rio das Amazonas" discorre sobre a existência do minério nas cercanias do grande rio da região norte; e no *Cap. XX*, ao tratar da "grandeza do rio de S. Francisco e seu nascimento", faz referência ao "Rio Pará", habitado por gentio de diferentes procedências, e que costumava se ataviar com "jóias de ouro".

Ora, a "cobiça do ouro, e o amor à riqueza do mundo", foram, no dizer do Padre João Daniel, S.J., "a causa do primeiro descobrimento e navegação do Amazonas". "Espalhou-se em Quito a fama de que no Amazonas havia um grande lago dourado, cujo ouro era mais que as areias das suas praias ou que as suas margens e fundos eram tudo ouro (...)" "porque além do lago já afirmavam que nele estava fundada uma cidade chamada Manoa toda fabricada de ouro, porque de ouro eram as suas casas e tetos e de ouro toda a serventia dos seus moradores"⁽⁵⁾. A lembrança desse lugar lendário, bafejado pelo ouro, parece ter ficado teste-

2 — "A Nova Gazeta Alemã" ou "Nova Gazeta da Terra do Brasil". Trad. de Clemente de Brandenburger. Leit. e Coment. de Erasmo d'Almeida Guimarães. IN: BANDECHI, P.B. — *Antolog. Hist. do Bras.*, p. 51/52.

3 — *Diário de Navegação — 1530/1532*. Lisboa, 1968, p. 62-63.

4 — *Notícias do Brasil*, p. 5.

5 — DANIEL, Pe. João — "Tesouro descoberto no Rio Amazonas". IN: *Anais da Bibliot. Nac.*, R. Janeiro, 1975, 1.ª vol. T. 1, p. 30.

munhado na nomenclatura geográfica do Brasil em um único acidente físico em Rondônia, a cachoeira de Manoá, do qual apenas o conhecimento histórico poderá conduzir à verdadeira origem do nome.

Ainda em seu relato, informa o Pe. João Daniel da existência das minas de Mato Grosso, localizadas ao sul do Amazonas e cabeceiras do rio Madeira; das minas de Goiáses, "nas terras intermédias dos Rios Tapajós e Madeira": as "outras de Cuiabá", para Leste; acrescentando, ainda, "finalmente toda esta chapada, está oferecendo *ouro e mais ouro* e só faltam mineiros que o aproveitem". (Grifamos). Quanto aos diamantes e pedras preciosas, aparecem "além do Serro do Frio", noticiando, também, a existência de um rio que desagua no Madeira com o nome de Paiol dos Diamantes.

Descobertas as minas, as conseqüências sócio-culturais para a história do País foram de tal monta que muito se escreveu a respeito delas. O papel que as bandeiras paulistas desempenharam nesse contexto também não é ignorado, tal a sua importância para o "devassamento do território".

Torna-se, assim, compreensível porque, do ponto de vista toponímico, os *litotopônimos* encontrados nessa área podem revestir as duas causas responsáveis pelo seu aparecimento, a física e a humana. E porque, ao lado deles, se alinham os estratos dos chamados *sociotopônimos*, que respeitam aos termos oriundos de atividades profissionais que ali se desenvolveram. Acrescente-se a tudo isso a camada dos topônimos ditos históricos, representados, muitos deles, por *antropotopônimos* que relembram a presença dos bandeirantes, personagens dos roteiros sertanistas de então.

Se a exploração do ouro iniciou o ciclo da ocupação humana do planalto central, a exploração diamantífera foi-lhe imediatamente posterior, como decorrência do declínio da fase áurea das minas, que conheceu o seu apogeu na segunda metade do Século XVIII. A vida sendentária em torno das lavras e das catas transformou os primeiros núcleos nos aglomerados urbanos do atual Estado de Minas Gerais, que tem refletida em sua "arquitetura civil" e "religiosa" a influência desse período.

Não apenas nesses setores da atividade humana houve vestígios dessa época particular da cultura brasileira mas também na toponímia apareceram as suas marcas expressivas. Na verdade, não apenas nas Minas Gerais, região que traz no próprio nome o registro de seu principal característico e da sua principal riqueza, mas ainda em outras zonas, onde a procura dos metais resultou em movimentos expressivos de diversos grupos humanos, há uma superposição litotoponímica que deve ser enfatizada.

Só na região de Minas desponta uma variedade de expressões formadas com *ouro*, como o *córrego* do Ouro, o *rio* do Ouro, a *serra* do Ouro, a *serra* do Ouro Branco, a *cachoeira* e o *ribeirão* do Ouro Fino, as *vilas* de Ouro Branco, Ouro Bueno, Ouro Fino, Ouro Podre, Ouro Preto, a *serra* dos Ouros, por exemplo. Mas também em outros pontos do território (SP, PR, MA, RO, AC, ES, etc.) surgem topônimos com esse elemento, dando bem a idéia da extensão do seu emprego.

Já a *prata* tem maior expressividade do que o ouro, aparecendo em vários designativos geográficos. Relativamente à constituição de compostos e derivados dos dois elementos litonímicos, há uma diferença sensível entre eles: com ouro, é mais comum a fórmula *determinado + determinante*, tal qual ocorre em Ouro Verde; com prata, esse tipo de formação acontece apenas em Prata Raso (BA), sendo mais comuns as derivações: Pratiânia

(SP), Prateado (PE), Pratinha (MG, RR, RS), Pradona (BA) e o próprio sintagma simples: Prata (BA, CE, ES, GO, MA, MG, MT, PI, PR, SC, SP, PE, AC).

Quanto aos minerais preciosos que constituíam objeto de catas, aparecem como fatores de motivação toponímica a *esmeralda* (MG, AM e MT), a *safira* (PA), a *turmalina* (MG, SP), a *ametista* (ES, RS, BA), o *rubim* (MG e RS), com predomínio em Minas, o *topázio* (MG e GO), o *crystal* (BA, ES, GO), no sintagma simples e em formações, a saber: Cristais (CE, GO, MG), Cristalândia (BA, GO), Cristália (MG e PE), Cristalina (GO), Cristalino (ES e GO).

O mesmo papel exercido pelo ouro, nas áreas mineiras, encontrou o seu similar na exploração do *diamante*. A fase de mineração "incia-se em 1729, quando uma portaria de D. Lourenço de Almeida manda suspender a mineração do ouro nas terras do Tijuco, ao mesmo tempo anulando as cartas de datas concedidas pelo guarda-mor da Vila do Príncipe, para exploração de minas ali. O descobrimento do diamante, cuja existência foi verificada três anos no Tijuco, modificou os rumos da história da mineração tanto no seu aspecto social como no econômico"⁽⁶⁾. Do ponto de vista toponímico, o diamante deixou expressões derivadas e compostas, além da própria forma simples: Diamante (BA, MG, PB, PR), Diamante de Ubá (MG), Diamante Lajeado (PR), Diamantina (BA, GO, MA, MG, PA, PR), Diamantino (MT e GO).

O núcleo de mineração do diamante, como se sabe, localizava-se no distrito do Tijuco. A respeito da origem do nome, Felício dos Santos diz que "uma outra bandeira de aventureiros(...) chegava ao mesmo ponto de confluência do Rio Grande e do Piruruca. Iam fraldando o morro (...) e tinham caminhado um quarto de légua, quando esbarraram ante um vasto tremedal, que não puderam atravessar, por cima do qual serpeava um pequeno arroio (...). Deram ao pequeno arroio o nome de *Tijuco*, palavra que na língua indígena quer dizer lama" (...); "a povoação foi-se aumentando e derramando pela vertente do córrego(...). Assim o *Tijuco* constituiu-se num arraial, tomando o nome do córrego junto do qual fora fundado"⁽⁷⁾.

O termo *tijuco*, que tem o seu significado oriundo da natureza do solo, não ficou restrito, na toponímia, a uma única localidade nem a uma única forma, surgindo também em outras áreas, em realizações diferenciadas: Tijuco (BA e SP), Tijuçu e Tijucussu (BA), Tijuquinha (SC), Tijucal (PA), Tijucas (PI e SC), Tijucas do Sul (PR), Tijuco da Serra (BA), Tijuco Preto (PR, SP e ES).

Por outro lado, o genérico *minas* deixou alguns topônimos nas regiões de exploração de minérios, ainda que não muito significativamente, como se pode perceber: Minas (MG, AC e RS), Minas Gerais (AC e MG), Minas Novas (MG), Minas do Mimoso (BA) e Minas do Espírito Santo (BA).

Do mesmo modo, a exploração de outros minérios ficou registrada na nomenclatura geográfica, ainda que a origem de alguns deles denote já uma forma erudita de língua: Argenta (RS), Argenita (MG), Argirita (MG), Hematita (MG), Itabirito (MG), Cobre (PR), Ferro (MG), Ferro Novo e Ferro Velho (AM), Ferros (MG).

6 - DIEGUES JUNIOR, M. *Regiões cultur. do Bras.*, p. 250

7 - *Memórias do Distrito Diamantino*, p. 51-53.

As atividades sócio-econômicas decorrentes da mineração geraram topônimos que, embora incluídos na mesma área cultural, não devem ser considerados, a rigor, como manifestações litotoponímicas propriamente ditas e, sim, sociotoponímicas; tais seriam as ocorrências relativas a *catas*, *lavras*, *garimpo*, *lavagem*, aqui abordadas, todavia, pela evidente proximidade com o momento histórico em questão, ainda que o levantamento cronológico de alguns dos denominativos resulte um tanto divergente: Catas Altas (MG), Catas Altas da Noruega (MG), Garimpo (MG), Garimpo do Jenipapo (GO), Garimpo Novo (MT) Guapira (SP), Grupiara (MG), Lavras (MG, PR e BA), Lavras do Sul (RS), Lavras da Mangabeira (CE), Lavrinha (BA), Lavrinhas (MT e SP).

Litotopônimos mais comuns, que envolvem elementos como *barro*, *lama*, *terra* ou *pedra*, por exemplo, aparecem na nomenclatura geográfica brasileira em proporções significativas, principalmente o último deles. Assim é que *terra*, em sintagma simples, denomina um único aglomerado humano em Minas Gerais, enquanto os topônimos restantes constituem suas derivações ou composições, que se apresentam num amplo leque paradigmático, como *terra boa* (BA), *branca* (MG), *caída* (SE), *de areia* (RS), *grande* (AP), *roxa* (SP) etc, além de *terrinha* (BA) e *terreiro* (BA). *Barro* tem um emprego considerável, tanto na forma simples como em composição, sem uma área preferencial de ocorrência, se bem que se registram as maiores presenças de Minas para cima. Com a mesma significação de barro, a toponímia brasileira incorporou a terminologia indígena correspondente, a saber: *Tabatinga* (AM, MG, PR, RN, SP, MT, BA e PI), *Tauá* (BA, CE, MG, AM, RO e GO), *Tauá Miri* (AM), *Tauapiranga* (PE). Em contraposição, *lama* só pontifica em *Lama* (MG) e *Lamado* (DF). Outro tanto não sucede com *areia* e *pedra*, porém, cuja relação na nomenclatura é bastante extensa e da qual se notam alguns pormenores:

- O substantivo *pedra*, por exemplo, no singular, é de menor força expressiva que no plural, este com predomínio em acidentes físicos;

- Já em composição, ocorre o contrário: o determinado figura, no singular, em maior número que no plural, assim como a constituição morfo-semântica desses compostos tende a demonstrar que os elementos determinantes, ou seja, os segundos membros dos sintagmas toponímicos, não pertencem a uma única fonte motivadora, incorporando, ao contrário, as mais variadas índoles ou procedências (altura, forma, estado, tamanho, cor, nomes de animais ou vegetais, por exemplo);

- Os nomes derivados também concorrem, com as suas sufixações, para intensificar o índice das ocorrências em *pedra*: *pedral*, *pedralva*, *pedrão*, *pedregal*, *pedraria*, *pedregulho*, *pedreira*, *pedreiras*, *pedrinhas*, *pederneira*, *pederneiras*, *pedranópolis*.

Relativamente à *areia*, o sintagma singular é mais empregado do que o plural, registrando-se, porém, uma variada diversificação mórfica nos formantes (*areias*, *areal*, *arealva*, *areião*, *areinhas*, *arenal*, *areiópolis*, *arenópolis*, *arenões*); já nos nomes compostos, a natureza dos determinantes refere-se mais ao seu conteúdo propriamente descritivo, como denotam os adjetivos *branco*, *claro*, *alvo*, *fino*, por exemplo.

Laje e *lajeado*, dentro da litotoponímia, assumem uma posição significativa, seja na categoria simples ou em compostos e/ou derivações: *Laje da Conceição* (SP), *Laje dos Santos* (SP), *Laje do Tabocal* (BA), *Laje do Campo* (MT), *Lajes e Lajes Pintadas* (RN), *Lajinha*

(GO), Lajeiro (AL), Lajeado Bonito (RS), Lajeado do Cedro (PE), Lajeado (PR), Lajeado (PR e RS), Lajeado (BA e PE), Lajeado Alto e Lajeado de Baixo (BA), Lajeado Seco (BA).

Dentre os topônimos ditos *históricos*, principalmente da região de Minas Gerais, nem todos trazem uma origem litotoponímica aparente, revelando-se essa circunstância de modo indireto, apenas, ou através de uma análise diacrônica dos fatos motivadores. Não é o caso, por exemplo, de *Ouro Preto*, cujo batismo vincula-se à descoberta do metal em suas cercanias, segundo nos ensina Antonil: "(...) o primeiro descobridor (das minas gerais dos Cataguas) dizem que foi um mulato", (que), "indo ao sertão com uns paulistas buscar índios, e chegando ao serro Tripui, desceu abaixo com uma gamela, para tirar água do ribeiro, que hoje chamam de *Ouro Preto*: metendo a gamela na ribanceira para tomar água, e roçando-a pela margem do rio, viu depois que nela havia granitos da cor de aço, sem saber o que eram (...), e só cuidaram que aí haveria algum metal bem formado, e por isso não conhecido (...) se resolveram mandar alguns dos granitos ao governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá, e fazendo-se exame deles, se achou que era ouro finíssimo" (8). Já *Vila Rica* se enquadra bem na primeira modalidade: "*Vila Rica* simbolizava, pela mesma época, outro tipo inteiramente diferente de aglomerado urbano(...): não fora o resultado de uma fundação deliberada como a cidade de Estácio de Sá; surgira espontaneamente, no limiar do próprio século XVIII, como resultado da aglutinação de arraiais de mineradores, (...). Dois desses arraiais acabaram por constituir as bases do aglomerado, transformado em vila no ano de 1711 - o de *Ouro Preto* e o de *Antônio Dias*" (9).

A origem antroponímica está presente em topônimos que guardam a lembrança dos primeiros descobridores dos acidentes que nomeiam: "Em distância de meia légua de *Ouro Preto*, achou-se outra mina, que se chama a do *ribeiro de Antonio Dias*; e, daí a outra meia légua, a do *ribeiro do Padre João de Faria*; e, junto desta, pouco mais de uma légua, a do *ribeiro de Bueno*, e a de *Bento Rodrigues*. E, daí três de caminho moderado até o jantar, a do ribeirão de N.S. do Carmo, descoberta por *João Lopes de Lima*; além de outra que chamam a do ribeiro Ibutiranga. *E todas estas tomaram o nome de seus descobridores, que todos foram paulistas*" (10).

Os *Relatos Sertanistas*, "rico repositório dos nomes históricos que se constituem em reminiscências vivas dos fatos ocorridos nos sertões aos tempos do ciclo do ouro", na manifestação de Carlos Drummond (11), trazem outros nomes que podem se somar aos já apontados: "E só junto donde há hoje a Igreja estava um rancho e outros aonde é hoje a de *Antonio Dias* e logo se descobriu o *Ribeirão de Antonio Pereira Dias*, filho de Parati, e o *Bromado do Sumidouro*, por *João Pedroso*, paulista, e o que chamou o *Rocha*, por Amaro da Rocha, paulista, *Pinheiro*, por Marcelo Pinheiro, paulista" (12). "E, com efeito, passando a mesma

8 - *Cultura e opulência do Brasil pelas minas de ouro*, p. 17.

9 - AZEVEDO, A. - "Vilas e cidades do Brasil Colonial", p. 53-4. A respeito dos designativos geográficos mencionados, cf. *Relatos Sertanistas*, p. 26: "no mesmo tempo saiu à luz *Antonio Dias*, natural também da vila de Taubaté, com o descobrimento de *Ouro Preto* e *Antonio Dias*; lugares ambos em que se acha situada *Vila Rica* que compreende *Antonio Dias* denominado que lhe ficou de seu próprio descobridor..." (Grifamos).

10 - ANTONIL, A. J. - *Cult. e opul. do Brasil*, p. 17.

11 - "Toponímia histórica", p. 21-24.

12 - *Relatos Sertanistas*, p. 76.

serra que da parte do Poente, vertente do rio das Velhas, havia dado a primeira grandeza, que com o Bueno havia tirado para a parte do nascente seguindo a mesma serra, a vista dela, que vai fazer na sua ponta a situação das Catas Altas em meio de sua distância descobriu um ribeirão chamado *Camargo*, herdando do seu descobridor o seu glorioso apelido" (13).

A análise dos litotopônimos comporta a referência específica ao elemento de origem tupi que concorre com inúmeras formações para ampliar o quadro onomástico, no Brasil.

De fato, os estratos designativos formados por *itá* atingem a uma amplitude considerável, levando-se em conta que o seu primitivo significado, *pedra*, viu-se acrescido de outro traço semântico, por força dos contactos interculturais, na época da colonização, dentro da fase lingüística conhecida por "língua geral". Ora, como os nativos, na época do descobrimento, encontravam-se ainda em período anterior ao do metal, sentiu o europeu a necessidade de transmitir-lhes tal idéia através de um signo de seu próprio sistema de comunicação, fazendo-o, assim, por meio do elemento definidor do material mais resistente conhecido, no caso, a pedra, ou *itá*. Outros acréscimos lingüísticos ainda foram atribuídos ao termo, para que se pudesse representar, consistentemente, os conceitos de ouro (*itajubá*), prata (*itatinga*), aço (*itaeté*), por exemplo (14).

O exame dos topônimos dessa origem revela a presença do termo simples *itá* (MT SC AM AP) ao lado de formações híbridas, como: Itaimbezinho (RS), Itainópolis (PI), Itás (CE), Itaú de Minas (MG), Itainzinho (PI), Itamonte (MG), Itaubal (AP), entre outros. Já os topônimos compostos no próprio código lingüístico indígena abrangem uma motivação tão variada que as referências só devem ser levadas à conta de algumas exemplificações: Itaberá (SP), Itabuna (BA), Itauna (PR), Itacatu (PE), Itacoatiara (AM), Itacoera (PA), Itacurussá (SP), Itapira (SP), Itararé (PR) etc.

A importância do vocábulo como nome geográfico e as suas possibilidades combinatórias comprovadas, levou Theodoro Sampaio a observar que "tão grande é a tendência para denominações de lugares com o tema *itá*, que não raro acontece darem a esse radical a vocábulos que na verdade o não têm, provindo daí grande número de corruptelas, assim como *Itaquaquicetuba* por *Taquaquicé-tuba*, taquaral da espécie *taquá-quicé*; Itaguahy, por *Taguá-hy*, rio do *tauá*; *Itabapoana* por *Cabapoama*, vespas assanhadas" (15).

A importância e a função motivadora dos minerais na toponímia estão, portanto, caracterizadas não apenas na variedade dos fatores determinantes, representados pelos exemplos transcritos, mas como também na verificação da existência de uma área toponomástica lo-

13 — *Ibidem*, p. 29/30.

A respeito dos topônimos *Catas Altas ribeirão Bromado*, cf. os *Relatos Sertanistas*, p. 33: "por haverem os mineiros seguidos as lavras dos córregos, buscando suas cabeceiras, seguindo as pintas, que iam lavrando; e quanto mais chegavam à Serra, mais crescia a altura da terra, que cavavam, ficando as *Catas* com altura impraticável nas mais partes naquele tempo. Voltando à mesma serra à parte do Norte distância de duas léguas descobriu Antonio Bueno o *ribeirão Bromado*, por não corresponder com rendimento igual à grandeza que dele se esperava".

14 — Para estudo dos "neologismos" indígenas, cf. EDELWEISS, Frederico *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*, 1969, p. 172-187.

15 — *O Tupi na geografia nacional*, p. 124

calizada em Minas Gerais. É fora de dúvida, aqui, a força centralizadora do ambiente geográfico como determinante de uma classe de nomes que, se ocorrem em outros pontos do território, vinculam-se, em Minas, a uma indiscutível relação de causa e efeito, legitimando, de maneira incontestável, a sua própria presença.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ANTONIL, André João — *Cultura e opulência do Brasil pelas minas de ouro*. S. Paulo, Ed. Obelisco, 1964.
- 2 — AZEVEDO, Aroldo — "Vilas e cidades do Brasil colonial. Ensaio de geografia urbana retrospectiva". IN: *Geografia*. São Paulo, Faculd. Filos., Ciênc. e Letras da USP, Bol. 208(11), 1956.
- 3 — DANIEL, Padre João — "Tesouro descoberto no Rio Amazonas". *Anais da Bibl. Nac. do R. Janeiro*. R. Janeiro, Div. de Public. e Divulg., 1975, V. 1, T. 1.
- 4 — DICK, Maria Vicentina de P. do Amaral — "A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxonômicos". *Tese de Doutorado*. USP, 1980.
— "O problema das taxonomias toponímicas. Uma contribuição metodológica". *Separata de "Lingua e Literatura"*, FFLCH da USP, V.4:373-380, 1975.
- 5 — DIÉGUES JUNIOR, Manuel — *Regiões culturais do Brasil*. R. Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.
- 6 — DRUMOND, Carlos — "Toponímia histórica". *Geográfica*. S. Paulo, Socied. Geográf. Brasil., n.º 14: 21-24, setembro de 1963.
- 7 — EDELWEISS, Frederico — *Estudos tupis e tupi-guaranis*. R. Janeiro, Livrar. Brasil. Edit., 1969.
- 8 — *Nova Gazeta Alemã* ou *Nova Gazeta da Terra do Brasil*. Trad. Clemente de Bradenburger. Leit. e com. de Erasmo d'Almeida Magalhães. IN: BANDECHI, Pedro Brasil - dir. *Antologia histórica do Brasil — Séculos XI e XVI*. S. Paulo, Serviço de Doc. da Reitoria da Univers. de S. Paulo, 1973.
- 9 — *Relatos sertanistas*. Colet., introd. e notas de Afonso E. Taunay. S. Paulo, Public. comemor. da Com. do IV Centen. da Cidade de S. Paulo, 1953.
- 10 — SAMPAIO, Theodoro — *O Tupi na geografia nacional*. 2.ed. cor. e aum. S. Paulo, O Pensamento, 1914.
- 11 — SANTOS, Joaquim F. dos — *Memórias do Distrito Diamantino*. 3.ed. R. Janeiro, O Cruzeiro, 1956.
- 12 — SOUSA, Gabriel Soares de — *Notícias do Brasil* — S. Paulo, Minist. da Educ. e Cult. — Depart. de Assist. Cult., 1974.
- 13 — SOUSA, Pero Lopes de — *Diário de navegação — 1530-1532*. Leit. de Jorge Morais Barbosa. Lisboa, Ag. Geral do Ultramar, 1968.